

(1)

O MUDO DE PERNAMBUCO,

OU

GERVAZIO EM LISBOA.

SONETO.

O Senhor Mudo posto nesta terra,
Dos nossos sete Montes vendo as faldas !
Ou no Brazil lhe derão pelas baldas ,
Ou Segredo maior nisto se incerra !

Dizem tentar partir para Inglaterra ,
Deixando em Pernambuco as contas saldas ;
Mas póde cá tomar banhos das Caldas ,
Para o mal da mudêz, que tanto o aterra :

Houve hum Tonante aqui, manhoso, esperto,
Que cortejando a Força , lhe dizia :
Inda que tarde creia , que sou certo ;

Acautele-se Vossa Senhoria ,
Defenda-se com brio , e com acerto ,
Não lhe caia tambem tal profecia .

20

A

SONETO

Como o Passaro vai cahir no visco;
Cahio o Senhor Mudo na Bahia,
E o Filho, que por lá se conhecia;
Para o Governador foi hum petisco:

Reclamou logo o Pay que, a todo o risco,
Sahisse do Paquete que o trazia;
Entregue, e prezo foi, quem tal diria!
Senão ali ficava feito em cisco:

Vem este Papagaio de presente,
Com dois Macacos mais da sua escola;
Que vindo prézos, não nos tornão dente;

O Papagaio aqui logo se embóla,
Como he manhoso, finge-se doente,
Perde outra vez a falla na Gaiola.

M Ui bem vindo meu Senhor;
 Nunca ninguém pensou tal!
 Mas mudou-se em tempo proprio,
 Por ser em mez de Natal.
 Não mande procurar cazas,
 Houve cá esse cuidado,
 Nesse Palacio em que está,
 Fica bem accommodado.
 Ora diga-nos, Senhor:
 Como ficou Pernambuco?
 Não falla, não nos diz nada?
 Parece que vem maluco!
 Não intente immudecer,
 Que não pega para cá;
 Ser mudo, ser surdo, ou cego,
 Isso era bom para lá.
 Aqui levarão-lhe a bem
 Habilidade, tão rara,
 De saber fingir-se mudo,
 E sempre co'a mesma cara.
 Se lêo a historia Romana,
 Talvez della aprenderia
 Essa manha de que usou,
 Quando mudo se fazia.
 O grande Bruto de Roma
 Tambem mudo se fingio,
 E o tempo que lhe fez conta,
 Ninguém palavra lhe ouvio.
 Quando se matou Lucrecia,
 Foi quando Bruto fallou,
 E todo o povo admirava
 O muito, que o exhortou.

Diga porque se meteo
 Em segunda parvoice ?
 Não teve no Rei Martins
 Hum Espelho em que se visse ?
 Nisso que fez n'outro tempo,
 Não aprendeo a lição ?
 Desses crimes desastrosos ;
 Não alcançou o Perdão ?
 Não vio ser muito arriscado
 Reger levantado povo ,
 Com maximas , e pretextos ;
 Para se encher como hum ovo ?
 Que tão errado pensar ,
 Em coiza que tanto assusta !
 Botou mal as suas contas ,
 Que Deos he quem lhas ajusta.
 Dáva-se já por seguro ,
 Em hum Paquete metido ;
 Mas quiz logo a Providencia ,
 Que fosse ali sorprendido.
 Soccedeo-lhe , se vem rico ,
 O mesmo , que sempre ouvi ,
 Ganhá-lo por toda a parte ,
 Porem vir gasta-lo aqui.
 Eu aposto..que atinei ,
 Por que Vossa Senhoria ,
 Indo lá para Inglaterra ,
 Tocou sempre na Bahia.
 Não estranhe o tratamento ,
 Que inda lhe val a opulencia ,
 Senão trocava em = *você* =
 A sua *antiga Excellencia.*

Não foi por buscar saber
 Daquella Cidade o estado?
 E depois ir para o Rio,
 Com o seu plano formado?
 Lá projectava ser Grande,
 Dar as Cartas, por primeiro,
 Fiado no cabedal;
 Sahio-lhe o gado mosqueiro.

Martins, tambem projectou
 O ser Rey de Pernambuco,
 Porem teve a mesma sorte
 Que a Estátua de Nabuco.

Ainda os Pernambucanos
 Confiarão nos motins,
 Que fizerem os Sectários
 De *Gervasios*, e *Martins*?

Antes do que hir no Paquete;
 Buscasse unir-se aos mais fracos;
 Fugisse para o Sertão,
 Fosse pentear macácos.

Eesse pestifero bando,
 Que tanto tem trabalhado
 Para dezunir os seus,
 Pondo-os em mizero estado:

Ainda espero que responda
 Por esses tristes horrores,
 Tantas mortes, tantos roubos,
 De que foraõ cauzadores.

Viver sem moral, sem honra,
 Chamaõ-lhe felicidade,
 Saõ, e vão fazendo os outros,
 Algozes da humanidade.

Que tem tirado essa gente,
 Do árdil do seu patriota,
 Sacrificando esse Povo,
 Que d'antes não tinha nota?
 Em tempos tão complicados,
 Todo o homem, que he de bem,
 Obedece a quem governa,
 Que he só quanto lhe convem.
 Ama a Deos, respeita as Leys,
 Não pertende figurar,
 A paz de espirito assim
 He que se pode alcançar.
 Acudindo á Patria sua,
 Quando em precizaõ a vir,
 Do pouco, ou muito que tenha,
 Ir com ella Repartir.
 Aquelle, que isto fizer,
 Será por bom conhecido;
 Para Deos, e para o Mundo,
 Tem seus deveres cumprido.
 Por que os genios turbulentos,
 Inquietos, maquinadores,
 Para si, e para os outros,
 Só acarretão horrores.
 Andão sempre em labyrintho,
 Vigílias, sustos, e lida,
 Com receios, e remorsos,
 Soffrem hum Inferno em vida.
 Com Leys, e Religiaõ,
 E hum Monarcha virtuozo,
 Quem quer seguir outro norte,
 He vilhaco, he cavilozo.

As Leys refreiaõ malvados;
 Religiaõ as paixões;
 O Monarcha dá o exemplo;
 Eis as felices Nações.

Entrem os homens em si,
 Que dois dias que se vive,
 Não he justo, que a maldade
 A trabalhos os captive.

Algum dia hum Portuguez;
 De ser Portuguez se honrava;
 As brilhantes qualidades,
 Exacto, dezempenhava.

Embora a desgraça venha,
 Por que Deos o quiz assim;
 Nós chamamos-lhe desgraça,
 Mas Deos lá sabe o seu fim.

Que ir hum homem procurala
 Por vontade, a sangue frio,
 E queixar-se, depois, della,
 He ter casco mui vazio.

Agora bem livre seja;
 Assim o permita o Céu!

~~Que possa justificar-se,~~
~~Sendo innocente, e não Réo.~~

Aqui as bocças do Povo,
 Por traidor o apregoão;
 Por que da sua conducta;
 Por cá tristes couzas soão.

Naquelle *Proclamação*;

Que fez Vossa Senhoria?

Jogar com pão de dois bicos,
 Que he o que mais parecia.

(8)

Valha-te Deos innocencia!

Muito custas quando vens!

Leve-te o Diabo crime,

Que tantas sahidas tens!

Se tornar a escapar desta,

Comedido deve ser,

Nunca auxilie partidos

Contrarios ao seu dever.

Este pacto social,

Que forma a nossa união,

Quem intenta desunillo

He monstro, não Cidadão.

Se voltar a Pernambuco,

Ou onde quer que estiver,

Vendo o Povo levantado,

Fuja-lhe, o mais que poder.

Queira Vossa Senhoria,

Decorar quanto aqui digo;

Que he de quem bem lhe dezeja;

Conselhos de bom amigo.

F I M.

*Vende-se nas Lojas do costume = por 40 reis onde tão
bem se vende = o Folheto da Pimenta para as más
Linguas. = A Carta de Mahomud Imperador dos
Turcos, ao Ex-Paulista encommendado, = E a Con-
fissão de hum Penitente, ao mesmo Ex-Paulista. =*

L I S B O A: 1822.

Na Officina que foi de Lino da Silva Godinho;
Rua dos Cavalheiros N.º 79 primeiro andar.

